

Notandum, ano 23, n. 54, set./dez. 2020

CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

CONEXÕES ORIENTAIS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO – MÁRMORE,
EMARANHAMENTO E RELIGIÃO EM *CAESAREA MARITIMA* (ISRAEL) E
APHRODISIÁS (TURQUIA) NO PERÍODO ROMANO

ORIENTAL CONNECTIONS IN THE ANCIENT MEDITERRANEAN –
MARBLE, ENTANGLEMENT AND RELIGION AT THE *CAESAREA*
MARITIMA (ISRAEL) AND THE *APHRODISIÁS* (TURKEY) IN THE
ROMAN PERIOD

CONEXIONES ORIENTALES EN EL MEDITERRÂNEO ANTIGUO –
MÁRMOL, ENTRELAZAMIENTO Y RELIGIÓN EN *CESAREA MARITIMA*
(ISRAEL) Y *APHRODISIÁS* (TURQUÍA) EN EL PERÍODO ROMANO

Marcio Teixeira-Bastos

Pesquisador associado do Centro de Estudos Judaicos (CEJ-USP) e do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP-MAE-USP) da Universidade de São Paulo, e do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM-UNESP) da Universidade Estadual Paulista. Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP, ano letivo 2011-2016) e em Arqueologia e Culturas do Oriente Médio (PhD in Archaeology and Ancient Near Eastern Cultures) pelo Institute of Archaeology da Tel Aviv University, School of Jewish Studies (TAU-IL), (Doutorado Co-tutela, ano letivo 2015-2020). Visiting Scholar da Stanford University, Archaeology Center, School of Humanities & Sciences, Department of Anthropology. E-mail: marcio_quisleu@yahoo.com.br.

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi54.52967>

Aceito em 15/04/2020

Recebido em 04/04/2020

Resumo

O tema da utilização de mármore na Antiguidade é vasto e nesse artigo examino as relações (simétricas e assimétricas) entre dois sítios arqueológicos: *Caesarea Maritima*, na costa de Israel, e *Aphrodisiás*, no sudoeste da Turquia. Durante o segundo e terceiros séculos EC, as principais cidades de quase todas as províncias romanas foram decoradas com monumentos de mármore, incluindo a *Bitinia et Pontus* e a *Iudaea-Palaestina*. Reconhece-se neste artigo que a cultura está emaranhada em práticas e arranjos contextuais, salientando, assim, a importância das lutas culturais para a constituição do poder na sociedade. A forma de lidar com a religião teve um papel importante nas dinâmicas estabelecidas, calcadas, em alguns casos, na dialética de dominação e resistência no mundo romano. Nos casos discutidos, o uso de novas formas materiais surge como uma linguagem expressiva para estruturar as identidades de novas maneiras, representar ou contestar categorias coloniais e relações estéticas de dominação religiosa. Na materialidade dos sítios de *Aphrodisiás* e *Caesarea Maritima* é possível abordar essas dinâmicas e algumas relações entre religião e economia no mundo romano.

Palavras chave: Israel. Turquia. Mármore. Império Romano.

Abstract

The subject of the use of marble in Antiquity is vast, in this paper I examine the relations (symmetrical and asymmetrical) between two archaeological sites: *Caesarea Maritima* on the coast of Israel and *Aphrodisiás* in southwestern Turkey. During the second and third centuries CE, the main cities in almost all Roman provinces were decorated with marble monuments, including *Bitinia et Pontus* and *Iudaea-Palaestina*. It is recognized in this paper that culture is entangled in practices and contextual arrangements, thus emphasizing the importance of cultural struggles for the constitution of power in society. The way of dealing with religion played an important role in the established dynamics, based, in some cases, on the dialectic of domination and resistance in the Roman world. In the cases discussed, the use of new material forms emerges as an expressive language to structure identities in new ways, to represent or contest colonial categories and aesthetic relations of religious domination. In the materiality of the sites of *Aphrodisiás* and *Caesarea Maritima* it is possible to address these dynamics and some glimpses about religion and economics in the Roman world.

Keywords: Israel. Turkey. Marble. Roman Empire.

Resumen

El tema del uso del mármol en la antigüedad es vasto, en este artículo examino las relaciones (simétricas y asimétricas) entre dos sitios arqueológicos: *Cesarea Marítima* en la costa de Israel y *Afrodisiás* en el suroeste de Turquía. Durante los siglos II y III E.C., las principales ciudades de casi todas las provincias romanas estaban decoradas con monumentos de mármol, incluidos *Bitinia et Pontus* e *Iudaea-Palaestina*. En este artículo se reconoce que la cultura está enredada en prácticas y arreglos contextuales, enfatizando así la importancia de las luchas culturales para la constitución del poder en la sociedad. La forma de tratar con la religión jugó un papel importante en la dinámica establecida, basada, en algunos casos, en la dialéctica de la dominación y la resistencia en el mundo romano. En los casos discutidos, el uso de nuevas formas materiales surge como un lenguaje expresivo para estructurar identidades de nuevas maneras, para representar o disputar categorías coloniales y relaciones estéticas de dominación religiosa. En la materialidad de los sitios de *Afrodisiás* y *Cesarea Marítima* es posible abordar estas dinámicas y algunas relaciones entre religión y economía en el mundo romano.

Palabras clave: Israel. Turquía. Mármol. Imperio Romano.

Os modernos estados nacionais do século 18 E.C. forjaram-se no positivismo e sob a inspiração da experiência romana de império¹. O termo imperialismo, por consequência, foi emprestado e ainda é utilizado para descrever a experiência capitalista contemporânea. Funari e

¹ Originalmente do Latim “imperium”, literalmente significando poder, autoridade, denota o domínio de um soberano (imperador) que controla um território geográfico extenso contendo povos etnicamente e culturalmente diversos, exercendo o poder hegemônico, influenciando a política, a economia e a cultura.

Pinto (2010, p. 2) salientam que o “moderno imperialismo tornou-se sinônimo de uma tarefa de assimilação e de aculturação, da passagem de comportamentos, costumes e meios de vida atrasados e reprováveis, para a adoção voluntária ou não do estilo de vida superior dos imperialistas”. Apesar do apelo à unidade cultural, no plano interno, e a missão civilizadora, em relação a outros grupos humanos, no plano externo, a ideia de domínio romano passou por maior escrutínio e discussão no decorrer do século 20 E.C. A visão vertical de imposição do poder romano (sem capacidade de resistência) cedeu lugar a crítica nuançada das relações estabelecidas, principalmente, graças as mudanças epistemológicas derivadas do questionamento sobre colonialismo, imperialismo e a guerra; mas também, como observa Funari (2013, p. 7-10), pelo uso “cada vez mais intenso, das evidências materiais, que permitiram observar os limites da ação imperial e a resistência ao império”.

A ideia de que romanos simplesmente emularam a cultura Grega e nada de original aportaram durante sua expansão pela bacia do Mediterrâneo foi muitas vezes corroborada pelo senso comum, inclusive pelo dos próprios romanos². Em grande medida, a cultura Grega se difundiu profundamente sob o domínio romano, justamente para legitimar a sua própria dominação. Nesse sentido, a pergunta sobre quais elementos propriamente romanos foram, então, alaistrados pelo Mediterrâneo, é pertinente. Navarro (2014) aponta que Roma foi capaz (entre o 2º e 1º séculos AEC) de se utilizar do Helenismo para seu benefício, ampliando, dessa forma, seus próprios valores e características de identidade. Nesse sentido, três valores típicos dos romanos se difundiram pela bacia do Mediterrâneo: a clara distinção entre público e privado, o sistema de patronagem e clientela e a diferença entre *orbis terrarum* / *orbis romanus* face o conceito de *oecumene* dos gregos (NAVARRO, 2014, p. 88).

A consequência do primeiro aspecto foi o grande peso que o coletivo teve na sociedade romana, incluindo espaços exclusivos que marcavam distintos comportamentos e atuações. O segundo aspecto, por sua vez, também implicou uma nova concepção do papel do escravo e do liberto. Por último, o conceito mais flexível de *orbis terrarum* destaca a desvinculação na mentalidade romana entre pessoa e território. Enquanto *oecumene* foi concebido como o mundo onde a cultura grega se desenvolvia, *orbis terrarum* aludia a um âmbito ilimitado de expansão. É

² Virgílio na Eneida afirma que “*otros, em verdade, labrarán com más primor el animado bronce, sacarán del mármol vivas figuras, defenderán mejor las causas, medirán com el compás el curso del cielo y anunciarán la salida de los astros (...) lo próprio del Romano es gobernar a los pueblos perdonar a los vencidos y derribar a los soberbios*” (Virgílio, Aen. 6.847-853 *apud* Navarro 2014, p. 86).

interessante notar que na gênese do conceito de *oecumene* estava estabelecida uma distinção entre a terra habitada por humanos e aquela do mundo ignoto, o que está além da fronteira do conhecimento, para o além. Já o conceito de *orbis terrarum* foi concebido geopoliticamente somente no decorrer do 1 século AEC e permitiu que a condição de cidadão recaísse sobre o indivíduo, não mais sobre o lugar que havia nascido, como na Grécia, permitindo, dessa forma, ser romano independente da origem geográfica, o *orbis romanus*³ (NAVARRO, 2014, p. 98).

Nesse sentido, a religião também desempenhou um papel ideológico fundamental na criação das comunidades locais, no enfrentamento e na relação imbricada com o mundo ignoto, assim como influenciou nas maneiras pelas quais os humanos atribuíram poderes causais às coisas. Dessa forma, tanto o embelezamento arquitetônico das cidades romanas, quanto as relações estabelecidas para o comércio tomaram novas formas materiais, oriundas das demandas locais e emergentes. O imperialismo romano, assim, pode ser visto como um mecanismo que se vale de diversos elementos, os quais não se limitam à violência e repressão no processo de ocupação e domínio (CAMPOS, 2013). A seguir, eu discuto o incentivo de Herodes para a criação do porto de Cesareia Maritima na *Iudaea-Palaestina*, a demanda de mármore (sua origem) para a nova cidade, que transformou espaços, padrões e princípios. Através da relação com o mármore, cidades como Afrodísias, na Turquia, floresceram no mundo antigo. A associação dessa última com a deusa do amor deixou de ser uma vantagem e tornou-se um problema quando a emergente cultura cristã do período romano-bizantino logrou mais poder. Em consequência, o culto e as imagens de Afrodite atraíam respostas particularmente violentas, não apenas em Afrodísias, mas também em Cesareia Maritima e em outras cidades do Mediterrâneo. A política e a cultura foram peças centrais no processo de preservação do poder romano no espaço provincial, mas a religião e suas disputas forneceram elementos de transformação profundos nas mentalidades e nas próprias cidades do período, incluindo suas relações comerciais e estéticas.\

O porto da Capital Romana na Judeia – Sebastos, o venerável

Quando Herodes convocou seus engenheiros para examinar o local em que estava a Torre de Estrato e preparar um projeto de construção para um novo porto na região, eles encontraram um

³ O termo discurso *orbis terrarum* ganha novo significado a partir do discurso de Claudio (48 EC) para o Senado romano, de um termo com âmbito ilimitado de expansão, passa a referir-se ao território controlado pelas legiões romanas, a parti daí *orbis terrarum* começa a se identificar com o *orbis romanus* (Veja Navarro 2014).

trecho costeiro típico dessa parte do Mediterrâneo Oriental. O local escolhido se estendia cerca de 40 km, entre Atlit (norte) e Hadera (sul), representando o único local com fácil acesso para o interior e o Monte Carmelo. A linha costeira era caracterizada por cumes de rocha *kurkar*⁴, o mais ocidental, parcialmente inundado e desgastado, formava uma ampla plataforma rochosa ao nível do mar. Ocasionalmente, pequenas baías de areia ou lagoas protegidas de recifes foram se formando. Duas dessas enseadas foram usadas pelos fenícios e tinham sido artificialmente adaptadas para servir às ancoragens.

Embora ambas as bacias fossem propícias ao projeto do porto, os engenheiros de Herodes ignoraram o setor norte, já que provavelmente estava cheio de detritos, muito raso, e separado do mar por uma extensa série de recifes. Provavelmente, essa enseada continuou a ser um porto de pesca e, após a construção do porto de *Sebastos*, o lugar serviu de alternativa para aportar face às taxas e serviços do porto oficial da cidade. O porto de *Caesarea Maritima* passou a ser um dos principais entrepostos comerciais marítimos do Mediterrâneo Oriental, conectando o Norte da África (Cartago, Líbia e Alexandria, por exemplo) com a península da Anatólia, no extremo ocidente da Ásia (atual Turquia). Herodes chamou o porto de *Sebastos* como forma de homenagear Octávio Augusto. *Sebaste* em grego (σεβαστός) significa “venerável” e era também um título honorífico usado nas cidades-estados gregas do período helenístico.

A outra bacia retangular, artificial, com uma profundidade aproximada de 2m, era protegida por promontórios rochosos. O promontório ao norte era mais visível, estreito, ligado à terra e a parte sudoeste da muralha helenística. Assim, foi selecionado para construir as bases dos moles e propiciar o acesso às águas abertas. O fundo do mar nessa área era parte arenoso, constantemente deslocado pelo impulso e pelas correntes costeiras. Enquanto o planejamento estava sendo realizado e o fundo do mar pesquisado, as remessas de materiais de construção chegaram da Itália. Dessa forma, Raban (1989) destaca que as madeiras resinosas e grandes quantidades de cinzas vulcânicas, diretamente da baía de Nápoles, foram usadas na construção da enseada norte para descarregar direta ou indiretamente os materiais (RABAN, 1989, p. 287).

⁴ Kurkar é o termo usado no árabe palestino e no hebraico moderno para o tipo de rocha do qual consistem as dunas de areia do mar litificado. O termo equivalente usado no Líbano é ramleh. Kurkar, portanto, é o nome regional de um arenito de quartzo eólico carbonato, em outras palavras, um eolianita ou um calcarenito (arenito calcário ou grainstone), encontrado na costa do Mar Mediterrâneo (Turquia, Síria, Líbano, Israel, Faixa de Gaza e a península do norte do Sinai).

O núcleo longitudinal do quebra-mar foi provavelmente a primeira seção a ser construída. Uma série de toras foi colocada na costa ou água rasa. Cada tora teria sido colocada em uma estrutura retangular construída em cima de vigas pesadas no fundo da enseada (Fig.1). Uma vez feita a armação, através da estrutura criada na enseada, as paredes duplas foram, então, enchidas com uma mistura líquida de uma argamassa especial (com alta proporção de cinza vulcânica misturada com cal). O cimento derramado teria sido deixado para secar na costa até o ponto suficiente para flutuar.

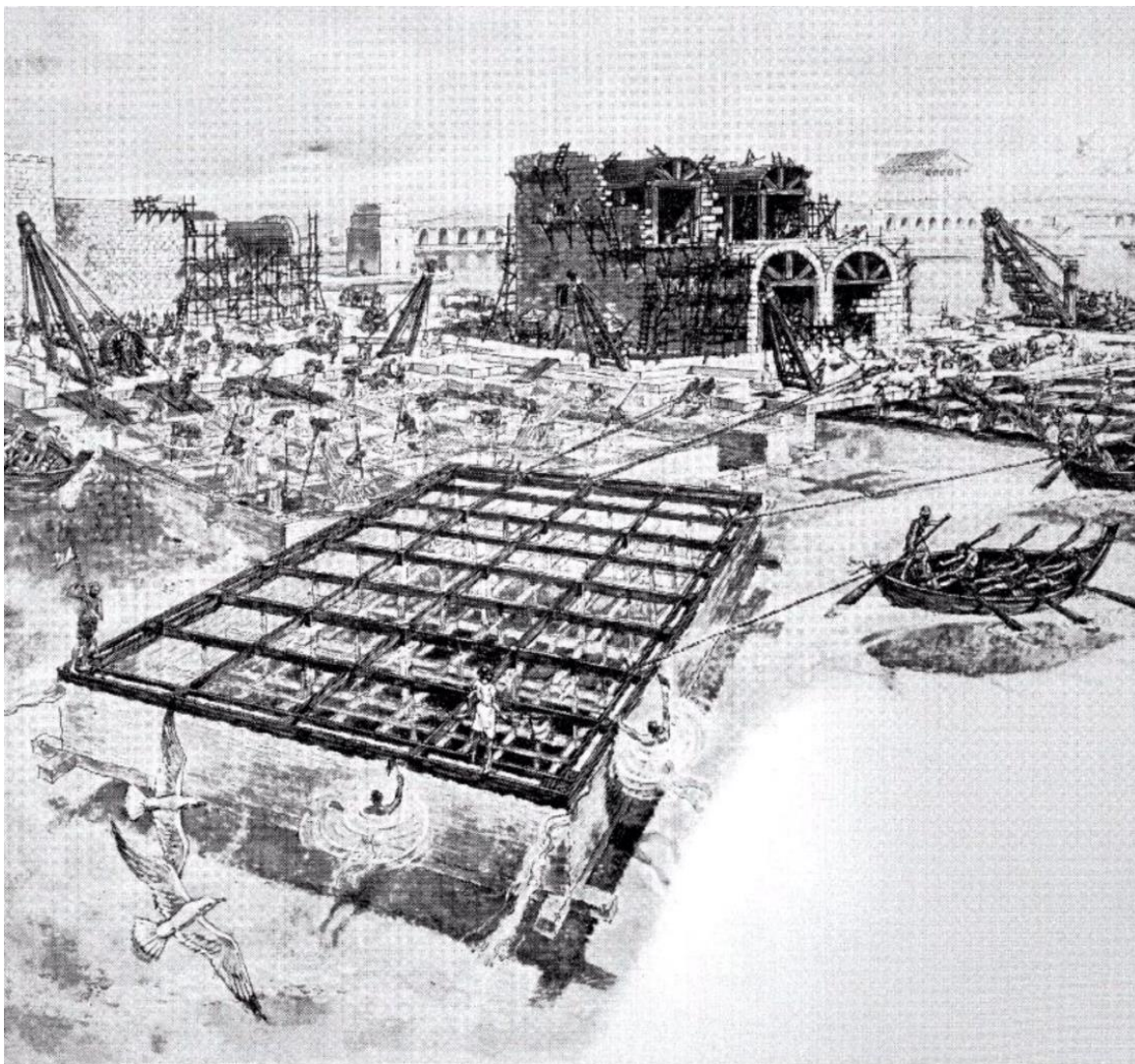


Fig. 1- Representação da construção de *Sebastos* com destaque para sua estrutura retangular (RABAN, 1989, p. 516)

Cada parte da estrutura foi, então, lançada na água; alcançado esse ponto, os mergulhadores teriam fixado seus quatro cantos inferiores com correntes de ferro às âncoras no fundo do mar (2-

3m de profundidade). A argamassa dentro das paredes duplas teria sido, assim, embebida pela água do mar, ganhando peso extra, e fazendo gradualmente a estrutura afundar no mar, previamente nivelado (Fig.2) (cf. RABAN, 1989). Outra possibilidade é que as estruturas foram construídas em águas rasas, rebocadas na posição e afundadas. Uma vez que as estruturas estavam firmes no fundo do mar, foram enchidas com uma mistura do seixo pequeno e de argamassa hidráulica que solidificaram no contato com a água do mar (HOLUM *et al.*, 1988).

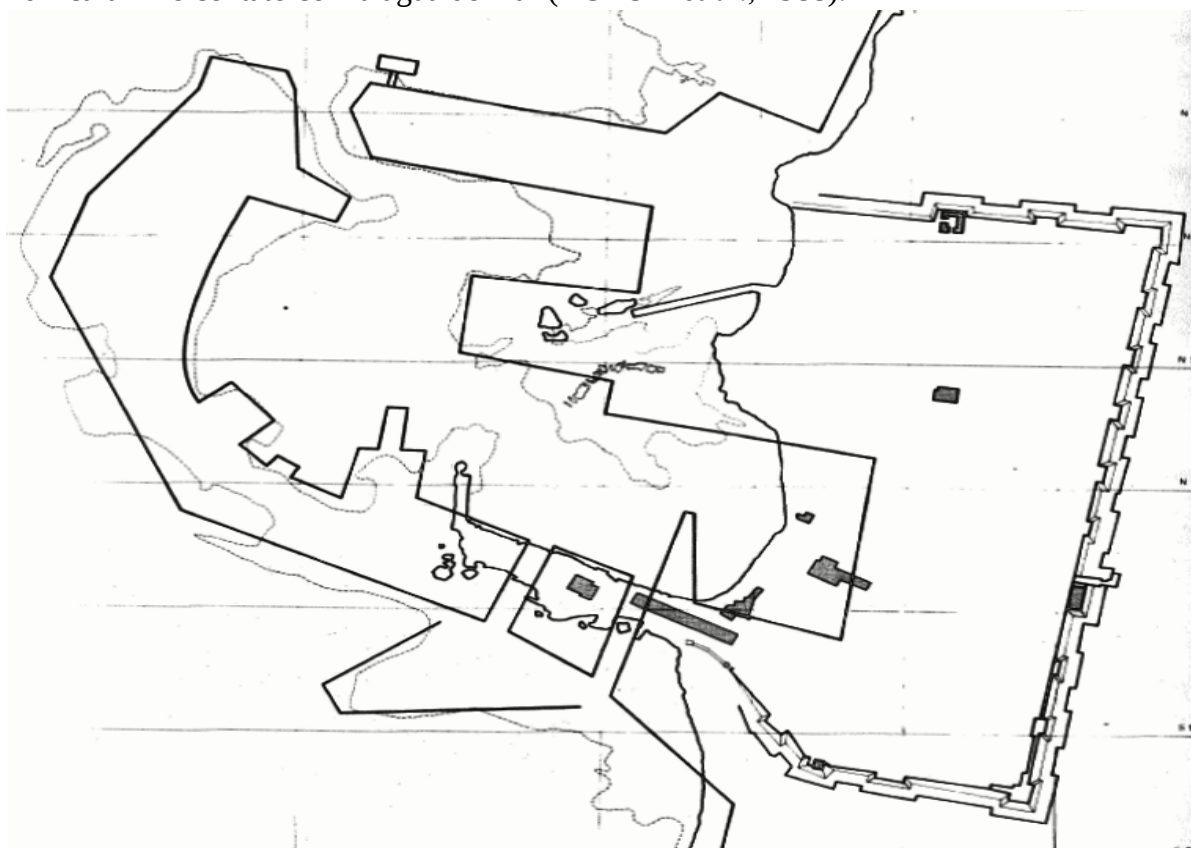


Fig. 2- Planta Baixa do porto de *Caesarea Maritima* (RABAN, 1989, p. 366)

Além de estruturas portuárias, durante o segundo e o terceiro séculos EC, as principais cidades de quase todas as províncias romanas foram decoradas com monumentos de mármore, incluindo a *Palaestina* Romana. Em Cesareia Marítima o Templo de Roma e Augusto, monumento destaque atrelado ao porto de Sebastos, foi amplamente decorado com mármore, incluindo as estátuas do imperador e sua família. Existe pouca informação sobre a origem e importação de mármore para esta região, porém, os escritos de Flávio Josefo (*Flavius Joesephus* ou Yosef ben Mattityahu - יוסף בן מתתיהו, primeiro século EC), particularmente, suas descrições a respeito dos projetos de construção de Herodes (37AEC - 4EC), fazem menção ao assunto. As cidades portuárias de Cesareia Marítima (Fig. 3) e Ascalon, assim como

Notandum, ano 23, n. 54, set./dez. 2020
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Scythopolis, no cruzamento do Vale do Rio Jordão e o Vale de Jizreel (planície de Esdrelão), região sul da Galileia, receberam novas estruturas cívicas e religiosas, construídas em mármore, competindo, assim, com outras cidades urbanizadas do Império.



Fig. 3- Caesarea Maritima Digital – Templo de Roma e Augusto.
Cortesia IAA (Israel Antiquity Authority)

Após a refundação da província romana da *Iudea* renomeada como *Síria-Palaestina* (135-390 EC) por Adriano, as principais cidades da região foram adornadas ainda mais com mármore trazidos de outras áreas do Império. A arquitetura e decoração de mármore consistia em pedestais e bases, colunas, capitéis e entablamentos⁵. A evidência material aponta que “fachadas” quase completas foram importadas, principalmente, para a construção de centros cívicos, teatros e templos. Em geral, esses produtos têm muito em comum com os materiais oriundos da Ásia Menor, Norte da África (principalmente, Léptis Magna) e Grécia (essencialmente, Corinto) (FISCHER, 2007, p. 249-269). Esses fatores apontam para a existência de uma tendência geral e imperial que caracterizava a arquitetura em mármore. Por outro lado, é possível também notar no sítio arqueológico o uso de matéria-prima local, pedras lavradas em formato quadrangular (*ashlars* ou *silhar*), usadas para a construção de paredes dos edifícios. Silhar foi o principal material de construção na *Palaestina* Romana, continuando, assim, as tradições de construção mais antigas da região. Mesmo em complexos monumentais, foram utilizadas colunas de pedra locais ao lado de colunas de mármore importadas.

Considerando a situação, uma revolução arquitetônica moldada por novos padrões e princípios, empregou mármore na mudança das cidades da antiga Judeia, refletindo um novo contexto político e ideológico para a renomeada província da *Síria-Palaestina* Romana. Alguns tipos específicos de capitais da ordem coríntia foram os preferidos em Ascalão, distintos dos que foram encontrados em Cesareia ou Citópolis (cf. FISCHER, 1988, p. 133-203). Frisos de arquitrave utilizados em Cesareia e Citópolis (*Scythopolis*, Bete-Seã) claramente pertenciam a dois (ou mais) artistas ou oficinas. Os exames arqueológicos e laboratoriais revelaram que o mármore foi importado para a *Palaestina* a partir de várias fontes do Mediterrâneo, mas, principalmente, oriundos da Ásia Menor, Grécia e da Itália. Estátuas de mármore e esculturas são encontradas em muitos sítios arqueológicos em Israel. Uma das principais tendências da escultura do período romano, por conseguinte, foi a produção de cópias de obras-primas do período helenístico (Fig. 4).

A importação e o transporte de artefatos de mármore não necessariamente dependiam de um sistema organizado maior. Contudo, a introdução da escultura em mármore em larga escala foi motivada pelas mudanças ocorridas no Império Romano e suas províncias durante o segundo

⁵ Na arquitetura clássica, a parte superior de uma construção, acima das colunas, composta de arquitrave, friso e cornija; cornijamento.

século EC. Os espaços arquitetônicos de Cesareia, Ascalão, Citópolis e Samaria-Sebaste foram reprojatados, gerando conexões e processos combinatórios em que os produtos de mármore passaram a ser copiados (o processo de *surmoulage*) em muitas formas e tipos. O ponto alto desse processo foi alcançado no período Antonino, essencialmente devido a demanda por embelezamento e a criação, bem como consolidação, das chamadas “cidades de mármore”⁶.

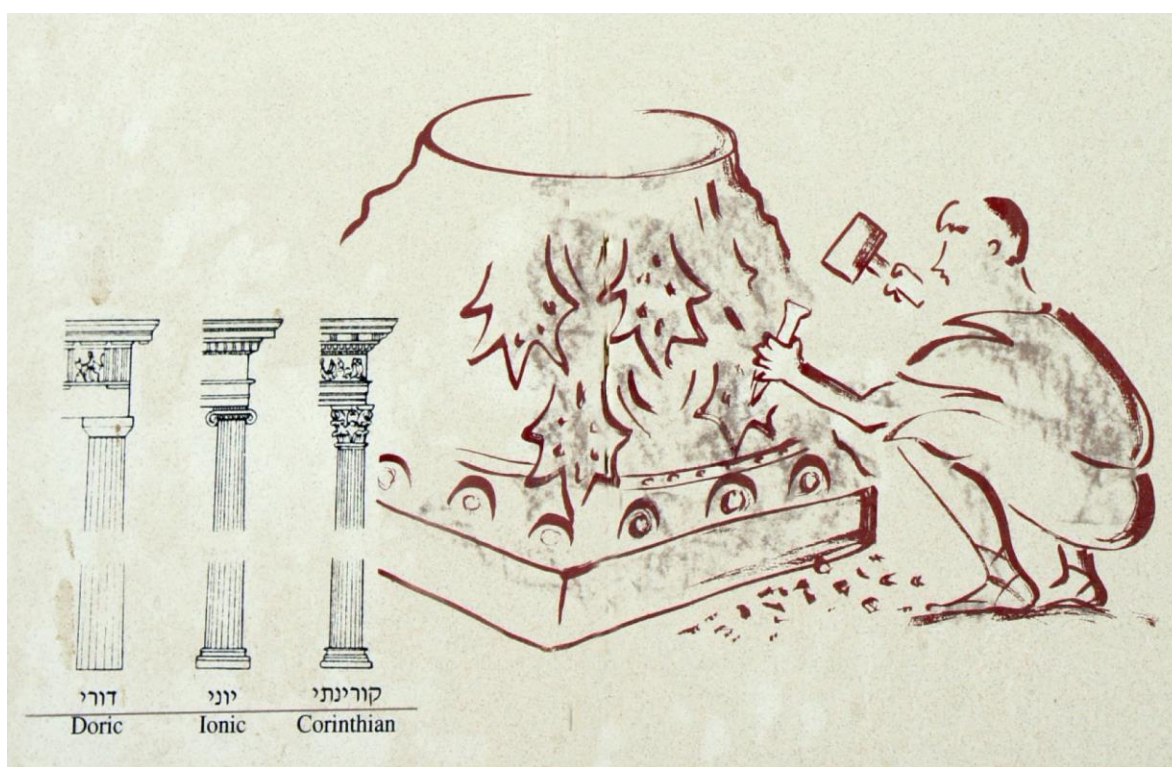


Fig. 4- Ordens arquitetônicos no contexto da arquitetura clássica e reprodução de arte em mármore (Cortesia IAA, Israel Antiquity Authority).

Entre as esculturas encontradas nas cidades de Israel, as de Cesareia Marítima são aquelas que estão mais bem preservadas, porém, não permitem concluir se alguma oficina artística foi estabelecida ou desenvolvida na cidade. Aparentemente, as esculturas foram importadas em estado inacabado e escultores itinerantes ou aprendizes locais finalizaram os artefatos (FISCHER, 2007). É possível assumir que em Cesareia Marítima havia disponível armazéns de mármore, envolvidos

⁶ Sobre a reutilização de bases de estátua na Itália antiga veja Ribeiro Machado, 2017, pp. 323-361. Também Ribeiro Machado, 2010, pp. 287-317. Para uma discussão sobre os monumentos públicos e vida cívica, o fim do hábito da estátua na Itália, veja Ribeiro Machado, 2010, pp. 237-257.

no estoque, preparação e comércio, atuando essencialmente como intermediários e conexão com o Mediterrâneo.

Durante esse período, os sarcófagos de mármore também foram importados para a *Palaestina*, suas características artísticas incluem temas que se tornaram populares em todo o Império Romano. A grande quantidade e variedade das fontes de mármore dos sarcófagos encontrados em Cesareia consolidam a visão de que a cidade serviu como um dos principais intermediários do Mediterrâneo Oriental. Além disso, sarcófagos de mármore de Tiro tiveram seu impacto na região, esculpidos em pedra local, principalmente no norte da Galileia. As esculturas encontradas apontam para conexões com vários deuses, mas o culto imperial parece dominar a demanda (cf. WALKER, 1981). O uso de estátuas colossais (estátuas com couraças incluídas) pode ser constatado e também combinações entre deuses foram inspiradas pela “revolução agostiniana”, incluindo arquitetura e arte. As cidades da Ásia Menor no período flaviano começaram a explorar o mármore local, conhecido como “*Marmorstil*” e aprimorar sua arte. O sistema romano de pedreira e comércio de mármore, organizado e desenvolvido na virada do primeiro para o segundo século EC, criou uma estrutura para a disseminação desse estilo de mármore. Parece provável que esse desenvolvimento tenha sido influenciado por mais fatores que meramente o fato de que a matéria-prima estava disponível na Ásia Menor (FISCHER, 2007, p. 253).

O estímulo para esse longo desenvolvimento foram as mudanças políticas e sociais iniciadas ainda sob o domínio de Augusto. A imposição de um culto imperial bem organizado forneceu uma base comum para as províncias recém-criadas, e o Templo de Roma e Augusto na *Iudaea-Palaestina* é um sólido exemplo dessa política (ZANKER, 1988). Em todo o mundo romano, o culto imperial gerou profundas transformações no espaço cívico de quase todas as cidades conquistadas ou fundadas. É impossível abordar o culto imperial sem relacionar com as estátuas em mármore. Essa relação de dependência pode ser explicada também, conforme Hodder (2012, p. 88-111) sugere, enfatizando que os humanos dependem de outros seres humanos, na mesma medida em que os humanos dependem das coisas, que, por sua vez, dependem dos seres humanos, ao mesmo passo que as coisas também dependem de outras coisas (fórmula: HH-HC-CH-CC).

Esse conceito de emaranhamento das coisas-humanas pode, então, ser definido como a dialética da dependência entre seres humanos e coisas; dentro das redes e fluxos, existe sempre uma “captura” que leva em conta o entrelaçamento dos fluxos e contra fluxos que o produzem,

assim, envolvem e abrangem todas as entidades humanas. A *Palaestina* Romana, nesse sentido, tornou-se dependente de fontes materiais externas e especialistas estrangeiros em mármore, como parte do sistema imperial de produção, comércio e arte em mármore. A dependência dos romanos em relação ao mármore atendia padrões estéticos, comerciais e religiosos. A dependência de outros artesãos (copistas) para finalizar produtos importados estava atrelada ao domínio da arte (outros artesãos experientes), assim como a disponibilidade de material local (outras coisas), acabando por desenvolver produtos em rocha kurkar (Fig. 5).



Fig. 5- Capitel de Cesareia Maritima esculpido em rocha Kurkar com a representação de um leão (foto do autor).

Os resultados laboratoriais⁷ publicados demonstram que as fontes usadas para fornecer mármore à *Palaestina* são bastante limitadas e o material para arquitetura difere das fontes para escultura e sarcófago. A Ásia Menor, especialmente a ilha de Mármara ou Proconeso (*Proconnesus*), parece ser o principal fornecedor de itens arquitetônicos (e.g. colunas, entablamento) durante todo o período romano, com uma continuação no período bizantino (FISCHER, 1988, p. 247-259). Por outro lado, as análises das esculturas apontam para uma maior variação de fontes, como as pedreiras de Paros, Atenas-Pentélico, Atenas-Himeto, Thasos, Carrara

⁷ A equipe dos professores M. Magaritz e Z. Pearl, do Instituto Weizmann, Rehovot (Israel), examinaram 300 amostras de mármore.

e Afrodísias, como fornecedoras. Nesse sentido, enquanto para Citópolis, Thasos foi o principal fornecedor, as pedreiras de Afyon (Afyonkarahisar), Atenas-Pentélico e Mármara foram as principais fornecedoras para Cesareia (FISCHER, MAGARITZ, PEARL, 1992).

Quanto aos sarcófagos, existe uma diferença entre a composição do mármore em Cesareia e outros sítios arqueológicos. Cerca de 50-60% do mármore registrado em Israel é originário de pedreiras na ilha de Mármara. O mármore do Proconeso ou proconesiano foi quase exclusivamente usado para arquitetura e sarcófagos, enquanto o mármore provindo de Afyon (centro-oeste da Turquia) foi usado para todas as categorias de itens. Cerca de 80% dos itens arquitetônicos são de mármore proconesiano em Cesareia, também mencionado e reconhecido pela literatura judaica talmúdica. Nesse sentido, o suprimento de mármore para a região da *Palaestina* se origina principalmente nas pedreiras da Ásia Menor, em Mármara e Afyon, em maior percentagem (FISCHER, 1988, FISCHER; MAGARITZ; PEARL, 1992).

Um dos principais obstáculos que as sociedades antigas tiveram que superar para fornecer material de construção às cidades foi o transporte de longa distância. Tudo indica que o domínio imperial romano também foi relativamente bem-sucedido nesse aspecto, devido não somente a sua famosa rede viária (*Tabula Peutingeriana*), mas principalmente o desenvolvimento do transporte marítimo e fluvial. As cidades portuárias desempenharam um papel importante na propagação da arte em mármore e arquitetura, além de seu lugar determinante no desenvolvimento econômico em geral. Algumas características da arquitetura de Ascalão apontam para o norte da África, principalmente Léptis Magna e Sábata. Uma tendência comum de ambas as regiões é visível, mas é difícil apontar para uma origem comum. Em Citópolis (Bete-Seã), por exemplo, também é possível notar uma iniciativa local de aquisição de artigos em mármore de determinadas oficinas da Ásia Menor. Ascalão, por sua vez, tem sua decoração arquitetônica própria, com enormes pilastras figuradas, bastante diferente daquelas de Cesareia ou Citópolis.

A decoração de Ascalão e a relação com os sítios arqueológicos do norte da África não são simplesmente protótipos ou artefatos transportados, mas resultam de um impacto mais longo da arquitetura de mármore e da estrutura do comércio de mármore. Apesar das relações com o norte da África, é seguro assumir que os principais centros de fornecimento de mármore à *Palaestina* estavam concentrados na Ásia Ocidental e Meridional Menor. Nesse sentido, as imediações de Éfeso, a julgar pela semelhança dos itens com os registrados em Israel, parece despontar como um dos centros irradiadores e fonte da arquitetura e escultura em mármore (Fig.6). Afrodísias

(*Aphrodisiás*) estava localizada nas imediações de Éfeso e se tornou um famoso centro de produção de mármore durante o período romano. Sob o domínio romano, Afrodísias, no sudoeste da Turquia, lucrou considerável status como a cidade de Afrodite. Atraiu ricas doações e angariou privilégios dos imperadores romanos, principalmente, de Augusto (cf. SMITH, 1993, p. 2-8; SMITH, 2012).



Fig. 6- Conexões marítimas no Mediterrâneo Oriental
*Orbis - Stanford Geospatial Network Model of the Roman World*⁸.

Em período romano tardio, no entanto, a associação da cidade com a deusa do amor deixou de ser uma vantagem e tornou-se um problema para a emergente cultura cristã do período (bizantina). Em consequência, o culto e as imagens de Afrodite atraíam respostas particularmente violentas, não apenas em Afrodísias, mas em outras cidades do Mediterrâneo. Seus sacrifícios foram banidos, suas estátuas mutiladas e as cabeças degoladas, assim como seus templos convertidos em igrejas cristãs. Esse tratamento recorrente na cultura material testemunha sobre a

⁸ Acesse <http://orbis.stanford.edu>

ameaça que Afrodite representou para adeptos da nova religião cristã e também oferece evidências sobre a transformação da cidade antiga, na transição do Paganismo para o Cristianismo.

Mas o que teria tornado Afrodite uma figura tão perturbadora para os habitantes de Afrodísias e outras cidades ao redor do império onde seu culto foi eliminado com rigor semelhante? Provavelmente, sua relação com a sexualidade e o amor erótico deve ser levado em consideração. A erradicação abrangente da cultura visual de Afrodite em Afrodísias contrasta com o tratamento dado a outras divindades em outros lugares do Império Romano. O fim do culto de Afrodite em Afrodísias esteve relacionado com a violência simbólica e reorganizou as relações de dependência do mármore oriundo da Ásia Menor. O processo com o decreto oficial de tolerância para todas as religiões de Constantino foi apoiado pelo financiamento para as recém-criadas instituições cristãs e a proibição de adivinhação e sacrifício (MACMULLEN, 1969, p. 111-120). Gradualmente, as leis romanas limitaram o ritual religioso público, inclusive as atividades noturnas; o mesmo ocorreu com a retirada do apoio estatal dos templos e de seus sacerdócios, assim como o incentivo à conversão e prática da religião tradicional romana, que a partir do 4º século EC ganhou a alcunha de pagã.

Entretanto, foi somente no reinado de Teodósio (391 EC) que o fechamento dos templos, a proibição de todas as formas de sacrifício público e a condenação da piedade privada foram colocadas propriamente em vigor, muito embora desde os tempos de Constantino os imperadores legissem no sentido de enfraquecer o culto dos templos e de suprimir elementos do paganismo que julgavam repulsivos (cf. FOWDEN, 1998, p. 548-554). É claro pela evidência material que, mesmo amplamente divulgadas, essas medidas não foram suficientes para fazer o Paganismo Romano desaparecer imediatamente, e outras leis subsequentes, principalmente aquelas relacionadas as ações de Justiniano (520 EC), demonstram, mesmo um século depois, que o politeísmo não havia sido erradicado.

A erradicação do culto de Afrodite em Afrodísias não deve ser visto como um simples sintoma de “declínio” do Paganismo (Fig. 6). Pelo contrário, demonstra ser programático, uma narrativa de poder e apropriação de um local de grande confluência, um centro religioso-comercial reverenciado, que foi incorporado ao culto cristão e desencadeou novas relações de identidade.

Trata-se, assim, sob a ótica triunfalista das narrativas cristãs, da admissão de derrota de um símbolo eloquente e tradicional do Paganismo em Afrodísias (CORMACK, 1990, p. 33).



Fig. 7- Afrodite Mutilata Guido Petruccioli, *New York University Excavations at Aphrodisias* (ELSNER, 2016, p. 131).

Mesmo após a proclamação de fechamento dos templos por Teodósio, o êxito de conquista demorou a chegar em Afrodísias; porém, quando chegou, procurou erradicar todos os sinais da ocupação original do templo de Afrodite, as estátuas de culto e mesmo o grandioso arco da entrada do santuário da deusa foram intencionalmente mutilados (BRODY, 2007, p. 7), Fig. 7. Os cidadãos de Afrodísias erradicaram o culto de Afrodite e, ao fazê-lo, além de transformar a paisagem visual

de sua cidade, contribuíram para o reordenamento de todo o entrelaçamento material com o mármore e as esculturas.

Observações finais

O ataque deliberado e quebra sistemática de numerosas estátuas e peças de mármore (cabeça, braços, seios, narizes), exemplifica a seletividade da resposta à deusa Afrodite. Aqui reside uma questão de gênero, não abordada nesse artigo. O objetivo era publica e visivelmente atacar, desonrar e repudiar a deusa, como um “primeiro passo” na criação de um novo futuro cristão. Em Gaza, por exemplo, sua estátua era venerada e o culto foi também erradicado abruptamente (GRÉGOIRE; KUGENER, 1930, p. 59). Em Alexandria, sua imagem foi ridicularizada e na Turquia o Patriarca de Antioquia vinculou sistematicamente a deusa com a imagem da prostituição (KUGENER, 1907, p. 35). Na nova capital de Constantinopla, a estátua de Afrodite foi colocada junto a um bordel, com o intuito de expulsar mulheres piedosas do local. O exame dos artefatos de mármore nos contextos arqueológicos propostos neste artigo (Cesareia e Afrodísias) nos permite assumir que a *Palaestina* Romana foi principalmente um importador de produtos acabados ou quase acabados em mármore e que Afrodísias destacou-se em sua produção, comércio e arte. É razoável supor que grandes carregamentos de mármore foram acompanhados por especialistas, que, por sua vez, acabaram desenvolvendo bases para o desenvolvimento local da arte em mármore e outros tipos de rocha. Muitas províncias do Império tornaram-se consumidoras desses produtos, outras áreas destacaram-se como fornecedores. Por outro lado, artesãos que trabalharam com pedras locais tornaram-se os principais copistas da arte importada em mármore, criando, assim, traços presentes na decoração arquitetônica de longa duração, principalmente em Cesareia Maritima.

Nesse sentido, deve ser reconhecido que a religião desempenhou um papel ideológico fundamental na criação das comunidades locais. Usualmente, a conclusão mais simples é assumir que a religião permitiu o acúmulo de poder e propriedade. Contudo, a religião também está relacionada à produção de “capital social”, que pode ter efeitos bons e ruins. Entre os maus, a religião pode isolar indivíduos de redes sociais mais amplas e/ou produzir conflitos radicais. Contudo, as forças religiosas e as ideias éticas baseadas nelas, sempre estiveram entre as influências formativas mais importantes da conduta humana na História. Assim, tanto as mentalidades

religiosas quanto as realidades materiais moldaram as relações sociais, culturais e econômicas do Império Romano (WITHAM, 2010, p. 162-163).

Portanto, pode-se argumentar que a necessidade do transcendente é parte integrante do processo humano, tão central e presente quanto a necessidade de alimentação e sociabilidade. Nesse sentido, trata-se de uma vitalidade humana. Este é um aspecto do termo “vital”, a religião é um aspecto vital do ser humano. Pode ser manipulada, assim como as relações sociais e alimentares, para obter poder, mas não é algo que é produzido por esses processos instrumentais, tampouco algo que os humanos possam prescindir. Contudo, muito depende de como a religião é definida. A religião pode ser descrita aqui nos termos do transcendente, relacionada aos limites últimos, o não alcançável, o além. O termo religião refere-se, portanto, a qualquer noção de que haja vitalidade na matéria - de que existe um “além”. Essa definição é útil, pois permite explorar os aspectos comuns entre ciência, religião e espiritualidade. O significado do termo “vital” refere-se, assim, às maneiras pelas quais os humanos atribuem poderes causais às coisas (em nosso caso aqui, o mármore). Nesse sentido, tanto o embelezamento arquitetônico das cidades romanas, quanto as relações estabelecidas para o comércio de mármore tomaram novas formas materiais, oriundas das demandas locais e da emergente linguagem expressiva (muitas vezes violenta) que objetivou reestruturar as identidades sob outros paradigmas, representar ou contestar categorias coloniais, assim como questionar relações estéticas de dominação do Império Romano, ou seja, as representações do Paganismo.

A “matéria vital” é, por fim, como os seres humanos tentam entender o mundo e seu emaranhamento com as coisas-humanas (HODDER, 2014). O que mais impressiona no caso da cidade de Afrodísias foi o rigor com que os vestígios materiais da adoração de Afrodite foram destruídos. Estátuas públicas monumentais foram divididas, relevos votivos em pequena escala apagados e suas imagens decapitadas. O nome da deusa foi apagado das inscrições públicas, juntamente com o próprio nome Afrodísias da cidade, que se tornou *Stauropolis*, do grego (Σταυρόπολις) significando “a cidade da cruz”. Posteriormente, nos tempos bizantinos, a cidade assumiu outro nome, Caria. O fenômeno da mutilação e decapitação de estátuas em mármore também é verificado em Cesareia Marítima (cf. FISCHER, 1998) e não por acaso o Templo de Roma e Augusto, erguido por Herodes em homenagem a seu patrono, foi transformado num grande complexo octogonal, a Igreja do Martírio do Sagrado Procópio, ocupando o posto de principal edificação da cidade.

Referências

- BRODY, L. The cult of Aphrodite at Aphrodisias in Caria. **Kernos**, 14, 2001, p. 93–109.
- BRODY, L. **The Aphrodite of Aphrodisias**. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 2007.
- CAMPOS, C. E. da C. **A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)**. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CORMACK, R. Byzantine Aphrodisias: Changing the symbolic map of a city. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, 216, 1990, p. 26–41.
- ELSNER, J. Breaking and Talking. Some Thoughts on Iconoclasm from Antiquity to the Current Moment. **Religion and Society**, 7, 2016, p. 128-138.
- HODDER, I. **Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things**. Wiley-Blackwell: John Wiley and Sons Inc., 2012.
- HODDER, I. **Religion at Work in a Neolithic Society. Vital Matters**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- HOLUM, K. G.; HOHLFELDER, R. L./ BULL, R. J.; RABAN, A. **King Herod's Dream: Caesarea on the Sea**. New York: W.W. Norton, 1988.
- FISCHER, M. Marble Imports and Local Stone in the Architectural Decoration of Roman Palestine. Marble Trade, Techniques and Artistic Taste. In: HERZ, N.; WAELEKENS, M. (eds.). **Classical Marbles: Geochemistry, Technology, Trade**. Springer: Nato Science Series E, 1988. p. 161-170.
- FISCHER, M.; MAGARITZ, M.; PEARL, Z. Isotopic and Artistic Analysis of Corinthian Marble Capitals from Caesarea : A Case Study. **Caesarea Papers**. JRA Supplementary Series 5, Ann Arbor, 1992, p. 214-221.
- FISCHER, M. Marble Studies. Roman Palestine and the Marble Trade. **Xenia: Konstanzer Althistorische Vorträge und Forschungen**, n. 40, Konstanz, Konstanzer Universitätsverlag., 1998.
- FISCHER, M. Marble Imports and Local Counterparts: Luxury Business in Roman Palestine. **Topoi. Orient-Occident. Supplément 8, Productions et échanges dans la Syrie grecque et romaine** (Actes du colloque de Tours, juin 2003), 2007.
- FOWDEN, G. Polytheist religion and philosophy. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds). **The Late Empire, A.D. 337–425**. Cambridge Ancient History, 1998.
- FUNARI, P. P. A.; PINTO, R. Novas perspectivas sobre o imperialismo romano. **Philía (UERJ)**, v. 35, 2010.

FUNARI, P. P.. Prefácio, considerações sobre o imperialismo romano. In: CAMPOS, C. E. da C. (Org.). **Imperialismo romano em Sagunto, século II a.C. - Id.C.** Rio Janeiro: UERJ/NEA, 2013, v. 1, p. 7-10.

GRÉGOIRE, H.; KUGENER, M-A. (eds). **Marcus Diaconus, Vita Porphyrii.** Paris, 1930.

KUGENER, M.-A. **Vie de Sévère.** Paris, 1907.

MACMULLEN, R. **Constantine.** London, 1969.

NAVARRO, F. J. Expansión e Identidad: Ideas y Valores del Imperialismo Romano. In: RUFINO, A. C.; GIL, E. M. **De Roma a las Provincias: Las Elites como instrumento de proyección de Roma.** Sevilla: UCOPress; Editorial Universidad de Córdoba, 2014. p. 85-100.

RABAN, A.. The Harbours of Caesarea Maritima. Results of the Caesarea Ancient Harbour Excavation Project, 1980-1985. **Volume I: The Site and the Excavations.** BAR International Series, 491, 1989.

RIBEIRO MACHADO, C. A. The City as Stage: Aristocratic Commemorations in Late Antique Rome. In: SOTINIEL, C., REBILLARD, E. (eds.). **Les frontières du profane dans l'antiquité tardive.** Rome: École Française de Rome, 2010a. p. 287-317.

RIBEIRO MACHADO, C. A. Public Monuments and Civic Life: the end of the statue habit in Italy. In: GASPARRI, S., DELOGU, P. (eds.). **Le trasformazioni del V secolo. L'Italia, i Barbari e l'Occidente romano.** Turnhout: Brepols, 2010b. p. 237-257

RIBEIRO MACHADO, C. A. Dedicated to eternity? The reuse of statue bases in late antique Italy. In: BOLLE, K., MACHADO, C., WITSCHER, C. (eds.). **The Epigraphic Cultures of Late Antiquity** (Heidelberger Althistorische Beiträge und Epigraphische Studien; vol. 60), Franz Steiner Verlag, 2017. p. 323-361.

SMITH, R. **The Monument of C. Julius Zoilos.** Mainz, 1993.

SMITH, R. Defacing the gods at Aphrodisias. In: SMITH, Roland., DIGNAS, Beate (eds). **Historical and religious memory in the ancient world.** Oxford: Oxford University press, 2012.

WALKER, S. "The Burden of Roman Grandeur : Aspects of Public Building in the Cities of Asia and Achaia". In: A. KING, A., HENIG, M.(eds). **The Roman West in the Third Century. Contributions from Archaeology and History.** BAR International Series, 109: Oxford, 1981. p. 189-197.

WITHAM, L. **Marketplace of the Gods. How Economics Explains Religion.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

Notandum, ano 23, n. 54, set./dez. 2020
CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

ZANKER, P. **The Power of Images in the Age of Augustus**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988.